

7 TEATRO DA
TRINDADE
INATEL

NOITE DE ESTREIA

A PARTIR DE *OPENING NIGHT* DE JOHN CASSAVETES
UM PROJETO DE MARTIM PEDROSO & NOVA COMPANHIA

COPRODUÇÃO TEATRO DA TRINDADE INATEL, NOVA COMPANHIA E TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

A NOITE DE TODAS AS ESTREIAS OU O MAIS DELICIOSO DE TODOS OS FALHANÇOS?

Em *Era Covid*, talvez o maior desprante e provocação seja atirar ao confinado público, um espetáculo de teatro sobre a montagem de uma peça teatral com todos os ingredientes dos quais ele tem vindo a ser privado: olhos, saliva, lágrimas, carne, ossos e sangue. Um espetáculo, portanto, sobre a brutal e saudosa realidade de fazer teatro, em que o conflito é conduzido pelo constante boicote de uma atriz protagonista alcoólica, politicamente incorreta, encantadora e inteligente, e que tem como objetivo programático, pôr o seu teatro de pernas para o ar. Ela fá-lo, não por gosto, mas por defeito, por ser aquilo que ela melhor sabe fazer. Porque é atriz e porque é mulher-atriz, e porque é mulher-atriz-de-meia-idade, e por não acreditar em lugares comuns, nem da mulher nem do homem, nem de nada que tenha a ver com as convenções conservadoras tão carinhosamente mantidas pelo patriarcado. Myrtle Gordon (Dalila Carmo) está farta. Farta da sociedade que diz que *a atriz tem de levar estalos em cena*, farta de ter de representar um papel de mulher que não é o dela, nem o que ela acha ser o de nenhuma mulher dos tempos de hoje. Farta de envelhecer e de sofrer esse envelhecimento aos olhos dos outros, dessas mulheres e desses homens agrilhoados a uma ideia antiga do feminino. Farta de uma sociedade que não a deixa rir-se de si própria, da sua própria tragédia do envelhecimento e da lenta caminhada para a morte ou, dir-se-ia melhor, do natural amadurecimento como mulher, com direito a tudo o que teve na juventude, como o eterno direito a amar e de ser amada. Por isso, ela, teimosa e solitária, entre copos desesperados de brandy e whisky, sem aliados assumidos, trava uma longa batalha neste peculiar percurso de *Noite de Estreia*: reinventar o texto de Sarah Goode (Maria José Paschoal), dando vida e realidade à personagem Virgínia. Dando-lhe aquilo que o ator mais *cheesy* poderia chamar de alma.

Na verdade, tudo começa com uma tragédia anunciada, a morte de Laura (Margarida Bakker), uma jovem fã da atriz, e essa estranha perda provoca toda uma espiral de queda que leva Myrtle a ver-se a si própria, fazendo-a questionar-se de tudo, dela mesma como atriz, da personagem que interpreta, do alegado machismo endémico e pouco esperançoso que o texto expressa em relação ao mundo feminino. É o ponto sem retorno em que o próprio teatro é totalmente posto em causa. Não apenas o teatro como arte de Talma, mas

o teatro da vida, a sociedade como está montada. A progressão da embriaguez de Myrtle e da consequente psicose aos olhos de todas as outras personagens que gravitam à sua volta – Manny (João Reis), David (Heitor Lourenço), Maurice (João Araújo), Tony (Sabri Lucas) e Kelly (Marta Félix) – acaba por ser inversamente proporcional à sua lucidez. No que ela perde em equilíbrio físico, psicológico e emocional, ganha em empatia com o público. Facto que rebate, automaticamente, a teoria de Manny, o encenador, que, para que a atriz tenha a empatia necessária do seu público, precisa de cumprir certas regras da dramaturgia ocidental que colocam a mulher no lugar da vítima.

O caminho para a contradição, ou antítese desta tese ancestral, é árduo. Num último pedido, em tom desesperado, Myrtle tenta recuperar uma certa cumplicidade passada com o ator e ex-companheiro Maurice Aarons, pedindo-lhe, literalmente, que, com ela, se atreva a inverter tudo, a pôr esta *peça de pernas para o ar*. Como todos os verdadeiros atos revolucionários, é necessário, acima de tudo, ousadia e coragem, coisa que, nem a cumplicidade, nem o amor dum tempo, fizeram com que Maurice se aliasse a Myrtle.

Sobre o que acontece depois, o espectador tirará as suas conclusões e fará a sua própria moral porque é difícil julgar, muito menos neste caso. É difícil julgar a pessoa humana que age como um herói ou como uma heroína, porque não há heróis nem heroínas. Dizer o contrário, é perpetuar a mais gasta de todas as ficções, é sublinhar o paradoxo. A pessoa humana falha e acerta. Se falha, é decapitada em praça pública, se acerta, é santificada e elevada ao estatuto de herói. E é neste ponto que vos deixamos, na promessa de que este *mise en abyme*, apelidado de Noite de Estreia, deverá ficar a curtir na fronteira entre a expectativa do sucesso e o mais delicioso de todos os falhanços.

E parece-me que é aqui que nos encontramos, verdadeiramente, com o Cassavetes e com a Rowlands.

Neste risco e nesta impossibilidade.

Martim Pedroso



PERSONAGENS E CONFLITO

O filme de Cassavetes apresenta-nos um conflito entre a atriz protagonista Myrtle Gordon e a personagem Virgínia que interpreta no espetáculo *The Second Woman*. A personagem Virgínia perde a esperança no amor e nas relações humanas e Myrtle acaba por entrar em colapso existencial, entregando-se ao álcool. Maurice Aarons interpreta Marty, o marido de Virgínia, e acaba por sofrer, como ator, as consequências dessa crise, juntamente com a restante equipa: a conservadora dramaturga Sarah Goode, o encenador Manny Victor, o subserviente produtor David, a assistente pessoal de Myrtle e jovem mulher do encenador, Kelly, e, ainda, o ator que interpreta Tony, o primeiro marido da personagem Virgínia. O que marca de forma mais evidente o colapso de Myrtle, é um infeliz acidente fatal com uma das fãs no momento de autógrafos à saída do teatro. Desde aí, nada será igual para Myrtle e tudo é motivo de

questionamento, nomeadamente a própria condição da personagem Virgínia, que, no processo de envelhecimento, vê fugir todas as hipóteses de voltar a relacionar-se com a sua própria sexualidade e com o amor de um homem. Myrtle não só começa a rejeitar a própria personagem, como acaba por quase destruir o espetáculo e a sua própria vida. Durante a narrativa, uma jovem mulher interpela-a nos seus desvarios ébrios e emocionais e confronta-a com o seu envelhecimento, esse fantasma que é acordado pela própria peça de Goode. Essa jovem e misteriosa mulher será uma projeção de Laura, a fã que morre atropelada à porta do Teatro, ou uma memória de uma juventude inocente e sonhadora? Sendo uma ou outra, ou as duas, ela terá de morrer para dar espaço à cura de Myrtle e à tão esperada estreia do espetáculo.

Noite de Estreia é um espetáculo sobre um filme que é sobre um espetáculo. É o lugar antes da estreia. Um camarim que respira o momento antes e o momento depois da entrada em cena. O depósito de dúvidas e discussões. O lugar que testemunha a verdade e o suspiro da vida real. Um processo de adaptação. Um lugar de crise. Uma reflexão sobre o teatro, sobre o envelhecimento e a inevitabilidade da morte. É sobre o conflito entre ficção e realidade. Sobre o continuar a querer amar e ser amado até ao fim. É sobre o esgotamento. A queda. O desencanto. O falhanço. O medo de não corresponder. É também, e sobretudo, sobre o lugar da mulher no patriarcado e sobre a rejeição desse mesmo lugar. Sobre a coragem. A revolução no feminino. É sobre uma atriz de meia idade em crise existencial e em luta com a personagem que interpreta e o mundo em que vive.

SALA **CARMEN DOLORES**

22 ABR A 6 JUN

QUA A SÁB 20:00, DOM 16:30*

*Nos fins de semana de 24 e 25 de abril e 1 e 2 de maio, o espetáculo “Noite de Estreia” realiza-se às 11h00.

Os horários das sessões dos restantes fins de semana poderão sofrer alterações de acordo com o estado de emergência decretado.

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

A partir de *Opening Night* de **John Cassavetes**

Um projeto de **Martim Pedroso & Nova Companhia**

Adaptação e direção **Martim Pedroso**

Com **Com Dalila Carmo** (Myrtle Gordon), **Heitor Lourenço** (David), **João Araújo** (Maurice Aarons),

João Reis (Manny Victor), **Margarida Bakker** (Laura), **Maria José Paschoal** (Sarah Goode),

Marta Félix (Kelly) e **Sabri Lucas** (Tony)

Participação especial em vídeo **Inês Santos Caramuchande, Isabél Zuaa, Madalena Brandão, Mauro Herminio e Noah Santos Caramuchande**

Cenografia **Jean-Guy Lecat**

Figurinos **João Telmo**

Assistente de figurinos **André Rodrigues**

Confeção de figurinos **Aldina Jesus Atelier**

Design de luz **José Álvaro Correia**

Música original e sonoplastia **Carlos Morgado**

Músicos colaboradores **Dinis Oliveira e Tanja Simic**

Maquilhagem **Carla Pinho**

Cabelos **Nuno Domingues**

Realização e montagem vídeo **Ruben do Valle**

Direcção de fotografia e cor **André Pega**

Direcção de som **Bruno Garcez**

Operador de steadycam **José Pedro Gomes**

Fotografia de cartaz e spot TV **Pedro Macedo / Framed Photos**

Registo fotográfico **Igor Regalla**

Fotografias de cena **Filipe Ferreira**

Assistente de ensaios **João Fialho**

Assistente de produção **Adriana Reis Pires**

Produção executiva **Ana Pinto**

Coprodução **Teatro da Trindade INATEL, Nova Companhia e Teatro Nacional São João**

Projeto financiado por **República Portuguesa – Cultura / Direção-Geral das Artes**

CONVERSA COM O PÚBLICO

9 MAI / DOM. APÓS O ESPETÁCULO

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos **Agostinho Trindade, Alexandra Lencastre, Ana Paula Fialho, Beatriz Almeida, Clara Sequeira Dias, Cristina Homem de Gouveia, Erica Pedroso, Eugénia Dias, Francisco Ornelas, Guilherme da Luz, Helena Vaz Pereira, Isabel Pinto, Joana Sequeira Dias, Joel Cunha Ferreira, Jorge Branco de Anes, Manuel Alberto Pinto, Maria Estela Correia, Maria Helena Araújo, Maria João Godinho, Paulo Sequeira Dias, Ricardo Vaz Trindade, Sofia Brito, Susana Reis, Vanessa Santos e Vítor Pedroso**

Agradecimento especial **Dr. Bruno Valério, Prof. Germano de Sousa e Teresa Pestana**

Agradecimento muito especial **Isabel Quadros**

TEATRO DA TRINDADE INATEL

Direção Artística

Diogo Infante

Direção Executiva

Hugo Paulito

Secretariado Direção

Elisabete Duarte

Tesouraria

Telmo Martins

Produção

Maria Carneiro (Coordenadora), **Andreia Rocha**

Comunicação

Raquel Guimarães (Coordenadora), **Adriano Filipe,**

Alexandra Gonçalves, Miguel de Jesus Pereira (Designer)

Núcleo de Cena

Nuno Pereira (Coordenador)

Direção de Cena

Rosário Vale

Iluminação

Hugo Cochat, Filipa Romeu

Som

Rui Santos

Audiovisuais

Antonio Pinto

Palco

Filipe Bastos, Pedro Viegas

Bilheteira

Beatriz Reis, Luísa Oliveira

Assistentes de Sala

Beatriz Costa, Carina Rodrigues, Margarida Rito, Maria Inês,

Paula Lopes, Rita Martins, Sara Fernandes, Sara Subtil, Teresa Silva

Manutenção Geral

Vítor Albuquerque

Técnicas de Limpeza

Helena Gameiro (Encarregada), **Elsa Fernandes, Fernanda de Jesus**

Acolhimento / Portaria

Carla Aniceto, Cosmos—Segurança Privada



www.teatrotrindade.inatel.pt



COPRODUÇÃO



PARCEIROS



MEDIA PARTNER



M 12
2021

© Pedro Macedo
/ Framed Photos